

A FREGUESIA: PARTICIPAÇÃO E CARIDADE NO SÉCULO XVIII

Thiago do Nascimento Torres de Paula
Programa de Pós-Graduação em História - UFRN

Resumo: Este Trabalho é parte da pesquisa de mestrado que estamos desenvolvendo no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Temos como recorte espacial a Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação, que estava localizada na Capitania do Rio Grande do Norte, correspondendo a cidade do Natal e regiões vizinhas. Temporalmente nos limitamos aos anos de setecentos, em função das fontes existentes que são: o Primeiro Livro de Tombo da igreja matriz de Nossa Senhora da Apresentação; os Livros de batismo e óbito e o testamento de Dona Catharina Peralta Rangel. Dessa maneira queremos demonstrar como os moradores daquela localidade a partir de certas atitudes (participação e caridade), gestaram o sentido de ser freguesia.

Temos como base o raciocínio do historiador Harold B. Johnson Júnior (1985), frisamos que o povo na figura dos colonos foi um elemento fundamental para dar ao espaço o sentido de ser freguesia. Não só por que mantinham a igreja matriz, suas capelas anexas e se organizarem em Confrarias e Irmandades. Mas sobretudo por que participavam efetivamente dos problemas de assistência religiosa e praticavam o espírito de caridade. Sendo assim, nosso objetivo é demonstrar como os moradores da Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação, localizada na parte oriental da capitania do Rio Grande do Norte, no século XVIII realizaram tais praticas.

1.O mundo da participação

O ser freguês, já demonstrava a participação dos colonos no universo do espaço de assistência religiosa. Os mesmo provavelmente em sua maioria eram ativos nas atividades da freguesia, no que diz respeito à manutenção de suas capelas, participação das missas e festas religiosas, como também praticando a solidariedade como sinônimo de misericórdia e caridade.

Na segunda metade do século XVIII, após a fragmentação do espaço da Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação, que resultou com a instalação das Freguesias de Extremoz Arez, São José do Rio Grande, Vila Flor e Porta Alegre, os colonos e possivelmente fregueses da jurisdição eclesiástica em questão que moravam

nas terras de além Rio Grande ou Rio Maré (atual Rio Potengi),¹ apresentaram um requerimento ao clero secular com o objetivo de desmembrar as capelas daquela região, da igreja matriz de Nossa Senhora da Apresentação.

Devemos considerar que naquele ano de 1762, os vassallos do Rei de Portugal, demonstraram primeiro a necessidade de serem católicos praticantes de sua fé, em segundo gostariam de verem valer os direitos paroquiais que existiam sobre eles. Os colonos reclamavam da imensa dificuldade que tinham em cruzarem o Rio Grande, para ouvirem as missas ou mesmo se confessarem. Lembrando que tal dificuldade não apenas dos colonos, mas o próprio vigário também tinha problemas em administrar os sacramentos aos moradores daquele espaço da freguesia por ter que atravessar o mesmo rio.²

Naquela situação, os homens e mulheres livres que moravam na discutida região da freguesia ficaram sem assistência religiosa, por parte da igreja matriz da cidade do Natal. Nem os colonos chegavam a igreja de Nossa Senhora da Apresentação, nem muito menos o sacerdote chegava aos vassallos do Rei. Frisando que o vigário da matriz de Natal, tinha os direitos paroquiais sobre as capelas das terras de além Rio Grande.

No entanto, a necessidade de uma assistência espiritual católica, diante dos problemas de cruzar o Rio Grande, forçou os fregueses de Nossa Senhora da Apresentação, a buscarem a atenção cristã do pároco da Nova Vila de Estremoz e antiga Missão do Guajirú. Sobretudo por que, “[...] quem melhor os pode Paroquiar, por não haver entre eles Rios, que passar, e, com efeito, a maior parte deles moradores vão ouvir missa, e confessar-se a dita Matriz da Vila de Estremoz, para lhes ficar mais conveniente”.³

Mediante a necessidade dos colonos serem freguesia de fato, não em tese, de terem uma vida católica ativa, é que os colonos se representaram diante da Igreja, que em um primeiro momento decide pelos colonos, afirmando que

“Desmembrássemos aos ditos moradores da banda de além do Rio da sua Matriz antiga da cidade do Natal, e os anexássemos para paroquianos da dita vigararia da vila de extremos, para que o dito vigário e seus coadjutores fossem sus párocos próprios, e lhes administrassem os sacramentos, como a seus fregueses. E ouvindo-nos seu requerimento, como faz bem ou vindo aos ditos párocos do Rio Grande, de Extremos, e ao nosso visitador, e outras informações que tomamos, e sobre tudo estarmos muito lembrados, que o imediato defunto vigário da Cidade do Natal, Manoel Correa Gomes, três ou quatro anos antes do seu falecimento, nos requereu que nós criássemos em curato aqueles moradores, pela grande dificuldade, que tinha em os paroquiar pela passagem do dito Rio Grande. Por cujas razões desejando-nos que as nossas ovelhas sejam assistidas com o parto espiritual de suas almas com a possível prontidão, e facilidade pelos seus

¹ ARCERVO DA IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA APRESENTAÇÃO / PRIMEIRO LIVRO DE TOMBO, 1725-1890 / Regimento de uma portaria ... F, 44.

² Ibid., Loc Cit.

³ Ibid., Loc Cit.

respectivos párocos e concordarem todas as informações da felicidade desta divisão ou desmembração em grande benefício dos ditos moradores”.⁴

O clero secular tinha consciência que era mais conveniente para os colonos se tornarem fregueses oficiais da Freguesia de Estremoz. Porém, reconhece com toda clareza que aquela outra fragmentação do território da Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação, prejudicava os interesses do vigário da cidade do Natal. Dessa maneira encerra a questão,

“[...] assim deferindo a seu Requerimento havemos para desmembrados os ditos moradores da banda de além do Rio Grande da Maré da sua antiga paróquia e Matriz da cidade do Natal, e os adjudicamos a paróquia, e vigararia da vila de Extremos, de cujos vigários, ficam sendo fregueses; para serem por eles paroquiados, e administrados todo o parto espiritual, de que carecerem. E os ditos vigários ficam sendo seus próprios Párocos para os apresentarem como os seus fregueses, e receberam deles os emolumentos e direitos paroquiais, com que até agora costumam corresponder aos seus vigários da Cidade, em que não se altera coisa alguma. E agora para que assim se aceite esta nossa divisão, desmembração e determinação: ordenamos aos Reverendos Párocos e Vigários, assim da cidade como da Vila de Extremos, que depois desta portaria registrada, sendo-lhes apresentada em sua exclusão, seja publicada e lida em ambas as paróquias e trasladada no livro [...]”⁵

Quando anteriormente comentamos que em um primeiro momento, a Igreja decidiu pelos colonos das terras de além Rio Grande, foi por que no ano de 1765, três anos após a decisão de atrelarem os ditos colonos a igreja matriz da vila de Estremoz, o senhor Visitador da Sé de Olinda, reintegrou todas as capelas e seus fregueses ao rebanho de Nossa Senhora da Apresentação. Desde que o vigário da cidade do Natal se responsabilizasse, em por um padre permanente na capela de São Gonçalo, para a assistência espiritual.⁶

Com isso, mais uma vez o clero secular redimensionou a geografia da fé nas terras de além Rio Grande. Salvaguardamos, que a atitude de desligar as capelas daquela região da freguesia da igreja matriz da cidade do Natal, partiu dos próprios colonos. Porém, a reunião das mesmas capelas e de seu povo, para a administração da matriz já citada, foi consequência de um requerimento,

⁴ A. I. M. N. S. A. / PRIMEIRO LIVRO DE TOMBO, 1725-1890 / Regimento de uma portaria ... F, 44v.

⁵ A. I. M. N. S. A. / PRIMEIRO LIVRO DE TOMBO, 1725-1890 / Regimento de uma portaria ... F, 44v-45.

⁶ Ibid., F, 52-52v.

“[...] que lhe havia feito o Reverendo Padre Pantaleão da Costa de Araújo, Vigário da freguesia de Nossa Senhora da Apresentação do Rio Grande na Reunião que pretendia do povo de São Gonçalo, Ribeira do Potengi, Rodrigo Moleiro, Aldeia Velha para sua Matriz, e atendendo ao que por mim foi proposto com verdade, e em benefício da Matriz da Cidade do Rio Grande e suas confrarias; houve por bem ordenar-me que pondo o dito Reverendo Vigário administrador dos sacramentos na Capela de São Gonçalo, afim de executar por ser minha essa diligencia e nesta conformidade, hei por bem de reunir a Matriz de Nossa Senhora da Apresentação do Rio Grande, o povo de São Gonçalo, Ribeira do Potengi, Rodrigo Moleiro, Aldeia Velha e Redinha, ficando o povo da Ribeira do Ceará Mirim, unido a freguesia da Vila de Extremos na mesma forma, que até o presente estava servindo de divisão para uma e outra freguesia a Lagoa do Guajiru, de sorte que todos os moradores, que se acharem da dita Lagoa para a parte do Norte, e Vila de Extremos por ela e pelo Rio Ceará Mirim acima lhe confinar com as estremas da freguesia do Assu, ou por ela e o dito rio abaixo lhe sair ao Mar ficam sendo freguesias da sobredita vila. E os que ficarem pela parte do sul e cidade do Rio Grande pela lagoa abaixo lhe sair ao mar ou por ele e Rio Potengi, acima lhe os confins da mesma freguesia, ficam sendo fregueses da Matriz da Cidade do Rio Grande, e mando ao Reverendo Padre Pantaleão da Costa de Araújo, vigário da freguesia de Nossa Senhora da Apresentação do Rio Grande que ponha Sacerdote administrador dos Sacramentos na Capela de São Gonçalo do Potengi para com [...] aludir aos ditos seus fregueses novamente Reunidos a sua Matriz e evita-lhes o detrimento que poderá lhes causar a passagem do Rio Grande para procurarem ao Pároco nas suas necessidades espirituais, e o uso se, como as capela de São Gonçalo, Santo Antônio e Nossa Senhora da Soledade ficam sendo filiais da sua Matriz”.⁷

É importante que fique claro que a Igreja neste segundo momento, decidiu pela própria Igreja. Provavelmente o vigário da Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação, o padre Pantaleão da Costa de Araújo, deve ter percebido e sentido a falta que os dízimos e emolumentos das ovelhas da região de além Rio Grande fazia nos direitos paroquiais.

No entanto, o sentido de ser freguesia não estava simplesmente nestas ações amplamente coletivas dos colonos de caráter estrutural. Mas também, em ações individuais geradas pelo sentimento ou pela obrigação de ser cristão, que algumas vezes podia ser direcionada para alguém, porém em muitos momentos tocava a coletividade, tecendo uma espécie de teia de caridade.

⁷ A. I. M. N. S. A / PRIMEIRO LIVRO DE TOMBO, 1725-1890 / Translado do Edital de reunião do povo ... F, 52v-53v.

2. O mundo da caridade

O espaço de uma freguesia era o lugar da ajuda mútua, como pensou Harold B. Johnson Júnior. Principalmente no momento da morte, situação que muitas vezes possibilitou que os colonos se reunissem em Irmandades e Confrarias, claro que os tais grupos tinham outros compromissos, mas o bem morrer e o sepultamento digno dos membros daquelas organizações católicas era um consenso.

Na Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação, a ajuda mútua não foi identificada entre as Irmandades. Porém, conseguimos detectar nas várias atitudes do coletivo, na forma de solidariedade, se materializando em atos de caridade. Os atos encontrados foram: o sepultamento de crianças com ajuda de esmolas⁸; o sepultamento de crianças expostas⁹, anônimas ou não; o caso de pessoas que deixavam bens materiais em busca de ajudar o outro e a sua própria alma.

Primeiro queremos discutir os casos das colonas, Joana de Tal¹⁰; Escolástica Maria¹¹; Antonia de Tal¹²; todas elas mulheres solteiras. Joanna sepultou o seu filho batizado com o nome de José, que tinha apenas dois dias de vida com ajuda de esmolas dadas pelos moradores da freguesia. Tal ação de solidariedade, movido pelo sentimento de caridade para com o pequeno José, se repetiu em função do enterro dos pequenos corpos de Joaquim e Pedro, nascidos das mulheres citadas respectivamente.

A localização específica dos sepultamentos de crianças no espaço do sagrado, não foi algo comum nos documentos setecentistas da freguesia. No entanto, o caso de Joaquim é de extrema importância, pois revela o sentido de ser freguesia, já que o recém-nascido foi sepultado no corredor da igreja matriz, ou melhor, na nave, espaço da igreja que provavelmente era mantido pelos colonos, os mesmos que concederam as esmolas.

Também com ajuda de esmolas foram enterrados, Manoel com 12 dias de vida¹³, Maria com cinco anos de idade¹⁴, Pedro também com apenas 12 dias de vida¹⁵, Damiana com dois dias de nascida¹⁶, Cosme com um ano de idade¹⁷, Antonia com seis dias de vida¹⁸ e por ultimo uma outra pequena Maria, com seis meses de nascida¹⁹. Todos eram filhos de mulheres declaradas solteiras na freguesia.

Os recém-nascidos expostos no espaço da Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação, também foram alvo da caridade dos colonos. Não só por que houve um recolhimento dos pequenos abandonados, nem pelo o encaminhamento dos mesmos até

⁸ Sobre esmolas no mundo colonial português, (Cf. SILVA, 1994: 308).

⁹ Salientamos que expressão exposto era utilizada no século XVIII para fazer referencia a recém-nascidos abandonados. (VENÂNCIO, 1999: 20)

¹⁰ IHG-RN / CAIXA DE ÓBITO / LIVRO: 1788-1802 / F, 31 – Jose (sic).

¹¹ IHG-RN / CAIXA DE ÓBITO / LIVRO: 1788-1802 / F, 47v – Joaquim.

¹² IHG-RN / CAIXA DE ÓBITO / LIVRO: 1788-1802 / F, 58 – Pedro.

¹³ IHG-RN / CAIXA DE ÓBITO / LIVRO: 1788-1802 / F, 50v – Manoel.

¹⁴ IHG-RN / CAIXA DE ÓBITO / LIVRO: 1788-1802 / F, 56v – Maria.

¹⁵ IHG-RN / CAIXA DE ÓBITO / LIVRO: 1788-1802 / F, 58 – Pedro.

¹⁶ IHG-RN / CAIXA DE ÓBITO / LIVRO: 1788-1802 / F, 61 – Damiana.

¹⁷ IHG-RN / CAIXA DE ÓBITO / LIVRO: 1788-1802 / F, 61 – Cosme.

¹⁸ IHG-RN / CAIXA DE ÓBITO / LIVRO: 1788-1802 / F, 61 – Antonia.

¹⁹ IHG-RN / CAIXA DE ÓBITO / LIVRO: 1788-1802 / F, 61v – Maria.

a pia batismal mais próxima, isso quando o sacramento não era administrado em casa, já que era uma necessidade primordial em uma sociedade católica.

No entanto, nem todos os recém-nascidos que eram enjeitados na freguesia tiveram muitos anos de vida. Quando morriam com poucos dias ou meses de nascidos, era a solidariedade em forma de caridade daqueles que um dia os havia recolhido, que os enterravam. Na maioria das vezes os expostos recebiam nomes cristãos, porém encontramos situações de pequeninos abandonados, que faleceram muito cedo sem ter recebido a graça de um nome.

Podemos destacar as situações dos seguintes expostos: José²⁰; João²¹; Manoel²². Os ditos faleceram com sete meses, nove dias e dois dias de vida respectivamente. O pequeno José morreu na data de 13 de maio de 1784, havendo sido deixado na casa do mestre Agostinho da Silva, que realizando um último ato de caridade, movido pelo espírito de caridade que havia na freguesia, sepultou o exposto na capela de Nossa Senhora da Conceição do Jundiá.

João exposto não respirou por muitos dias, o recém-nascido tinha sido abandonado em um domicílio que ficava próximo de um rio, em casa de uma viúva que atendia pelo nome de Teresa Josefa de Jesus, que enterrou na capela de São Gonçalo aos 25 de abril de 1802. Possivelmente a dita viúva deve ter arcado com todas as despesas do sepultamento, uma última caridade.

O pobre Manoel, após ter nascido e sido abandonado na porta da casa do colono José da Costa de Veras, não viveu mais que 48 horas. Temos quase certeza que o batizado do exposto foi encaminhado pelo dito colono. Porém, no dia 16 de janeiro de 1803, o enjeitado Manoel foi enterrado também na capela de São Gonçalo, provavelmente os gastos do sepultamento foram pagos por José da Costa de Veras.

Apesar da não existência de uma Irmandade da Misericórdia, de uma Santa Casa ou mesmo de uma Roda dos expostos, o sentimento de caridade cristã se materializou nas ações de Antonio da Câmara²³, Jerônimo Teixeira²⁴ e um outro colono que não teve seu nome registrado nos Assento de óbito²⁵. Todos estes colonos receberam expostos em seus domicílios, mas podemos inferir que eram criaturas tão frágeis que sobreviveram pouquíssimos dias, ao ponto de nem receberem um nome. Ficando apenas os emolumentos dos sepultamentos para serem pagos por Antonio, Jerônimo e pelo outro colono que não podemos identificar. Conseqüência da responsabilidade de cada cristão.

Como podemos observar, o sentimento de caridade construiu o sentido de ser freguesia. Isso pode ser analisado mais precisamente de uma maneira individual, no testamento de Dona Catharina Peralta Rangel, que era natural da Capitania de Pernambuco, freguesia da Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação e viúva de Antonio Martins Prassa²⁶.

Salientamos ainda, que o dito seu marido recebeu uma exposta em sua casa, na ribeira da cidade, sendo encontrada na parte de trás do domicílio na data de 13 de abril

²⁰ IHG-RN / CAIXA DE ÓBITO / LIVRO: 1780-1784 / F, 44 – José exposto.

²¹ IHG-RN / CAIXA DE ÓBITO / LIVRO: 1795-1802 / F, 20v – João exposto.

²² IHG-RN / CAIXA DE ÓBITO / LIVRO: 1795-1802 / F, 24v – Manoel exposto.

²³ IHG-RN / CAIXA DE ÓBITO / LIVRO: 1767 / F, 1v – exposto anônimo.

²⁴ IHG-RN / CAIXA DE ÓBITO / LIVRO: 1767 / F, 4 – exposto anônimo.

²⁵ IHG-RN / CAIXA DE ÓBITO / LIVRO: 1784-1791 / F, 22v – exposto anônimo.

²⁶ IHG-RN / CAIXA DE TESTAMENTO / LIVRO: 1767-1792 / F, 4-8v.

de 1764 pela senhora Catharina Peralta Rangel. A enjeitada foi levada até a pia batismal da igreja matriz de Nossa Senhora da Apresentação no dia 24 do mesmo mês e ano de seu abandono, sendo batizada como o nome de Lina. Foram seus padrinhos e respectivamente pais espirituais, Antonio Martins, homem solteiro, filho de Antônio Martins Prassa e Dona Catharina Peralta Rangel²⁷.

Agora algo deve ser esclarecido, o padrinho de Lina, que estava plenamente envolvido no ato de caridade em favor da exposta, não era filho de Dona Catharina, pois a mesma revela em seu testamento não ter tido filhos nem no primeiro, nem no segundo casamento que foi com Antonio Martins Prassa.

Porém, mesmo com as atitudes de caridade de Antônio Martins Prassa em recolher a pequena vida abandonada e Dona Catharina junto com seu enteado em apadrinhar a enjeitada, não foi um esforço suficiente para salvá-la da morte. Lina provavelmente deve ter chegado ao dito domicílio com a saúde muito debilitada, já que a pequena morreu com pouco mais de 15 dias de vida. Ela foi sepultada na mesma igreja que foi batizada, com uma mortalha de tafetá azul²⁸.

Mais uma vez a ajuda mútua se repetiu na freguesia, pois provavelmente o batizado e posteriormente o sepultamento da exposta, de pais incógnitos, foi pago por uma das três pessoas presentes naquele processo. No entanto, não podemos deixar de mencionar que o domicílio em que Lina foi depositada, não era marcado pela pobreza, já que também descobrimos a presença de escravos nele. Vejamos o documento a seguir,

“Aos vinte de dous de mayo de mil setecentos, e quatro faleceo da vida presente Bertholesa, filha de Antonia, escrava de Antonio Martins Prasa, de idade de quatro para cinco annos, foi seo cadaver sepultado nesta matrix, involto em mortalha de brim de Olanda, encomendada de licença do muito Reverendo vigario o doutor Pantaliã da Costa de Araujo pelo Reverendo coadjutor desta matrix o padre João Tavares da Fonseca, de que fis este assento por impedimento do Reverendo Parocho, _____ o muito Reverendo doutor visitador, em que por verdade me assiney. Miguel Pinheiro _____”²⁹

Ida Lewkowicz, afirma que “[...] a posse de escravos foi o principal definidor do grau de riqueza [...]” (1989:108), sendo assim podemos crer que o dito domicílio receptor da Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação era abastado.

Porém, no ano de 1768 quando a senhora Catharina Peralta Rangel resolve ditar o seu testamento, pois como tantas outras mulheres da colônia ela também era desprovida das habilidades de ler e escrever, deixa muito claro uma série de atos de caridade, tanto em nível espiritual quanto material.

Em nível espiritual, Dona Catharina toma as seguintes atitudes e pede: que diga uma capela de missas pela alma de seu primeiro marido, o Alferes Lino Gonçalves de Souza; que diga também uma capela de missas pelas almas de seus pais. No nível

²⁷ IHG-RN / CAIXA DE BATISMO / LIVRO: 1763-1765 / F, 11 – Lina exposta. Provavelmente o nome da exposta estava relacionado com a vida de Dona Catharina.

²⁸ IHG-RN / CAIXA DE ÓBITO / LIVRO: 1762-1765 / F, 11 – Lina exposta.

²⁹ IHG-RN / CAIXA DE ÓBITO / LIVRO: 1762-1765 / F, 12v – Bertholesa escrava.

material, ela toma um número maior de atitudes, deixando por várias a possibilidade de certas quantias fossem utilizadas na libertação de escravos. A mesma deixa suas roupas para serem divididas entre as mulheres pobres da cidade do Natal. No entanto, o espírito caritativo de Dona Catharina aflorou mesmo, quando a dita tratou de um sobrinho e de um afilhado provavelmente ainda crianças. Assim declarando,

“deixo por esmola a meo sobrinho Joaquim Lino Peralta Rangel filho de minha sobrinha Dona Felicia Joaquina, o qual tenho em minha casa hum molequinho por nome Pedro, o qual hê o que me fes delhe doaçam meo marido Antonio Mis Praça, e assim mais hum espadim de prata, hua area grande, hua sarasa de xita, hum Lencol de pano de linho fino com sua renda, e Cem mil reis em dinheiro meo testamenteiro lhe – entregarâ tudo tendo lhe idade capas de receber ao tempo de meo falecimento, e não tendo idade Idade seporam os ditos Cem mil reis ajuro dando conta ao Juis dos Orfãos para o mandar recolher ao cofre, e se dar ajuro para tendo idade capas o poder tirar e os mais bens os concervarâ meu testamenteiro em seo poder para lhe entregar todas as veses que dele os pedir”.³⁰

Com relação ao seu afilhado, a senhora Catharina Peralta Rangel é menos caridosa. Vejamos em “suas palavras”. “Deixo a meo afilhado Luis José filho de meo entiado Antonio Martins vinte mil reis, os quaes meu testamenteiro lhe oi-entregarâ, ou a seo pay sendo de tenra idade”.

Consideramos que tais ações espirituais e materiais surgiram em outras páginas de testamentos semelhantes ao de Dona Catharina, pois o espaço da Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação, era sobretudo um mundo cristão, onde praticar tais atitudes era uma verdadeira necessidade. Daí os moradores do lugar concederem esmolas para o sepultamento dos filhos das mulheres solteiras da freguesia, recolherem e sepultarem os recém-nascidos abandonados, deixarem possíveis quantias para liberdade dos cativos e missas para as almas de outros, já que eram católicos e almejavam chegar ao paraíso. Por fim, a participação dos colonos na necessidade de serem assistidos pelo Clero secular, dava o sentido de serem freguesia.

FONTES

1- ARCERVO DA IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA APRESENTAÇÃO / CIDADE DO NATAL-RN.

➤ PRIMEIRO LIVRO DE TOMBO, 1725-1890

³⁰ IHG-RN / CAIXA DE TESTAMENTO / LIVRO: 1767-1792

2- ARQUIVO DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO NORTE.

- LIVROS DE BATISMO DA FREGUESIA DE NOSSA SENHORA DA APRESENTAÇÃO (1753-1795)
- LIVROS DE ÓBITO DA FREGUESIA DE NOSSA SENHORA DA APRESENTAÇÃO (1760-1800)
- TESTAMENTO DE DONA CATHARINA PERALTA RANGEL (1775)

BIBLIOGRAFIA

JOHNSON JÚNIOR, Harold B. **Para um modelo estrutural da freguesia portuguesa do século XVIII.** (Conferência dada na Universidade Nova de Lisboa em 11 de novembro de 1985 / <http://people.virginia.edu/~hbj8h/modelo.pdf>)

LEWKOWICZ, Ida. “Herança e relações familiares: os pretos forros nas Minas Gerais do século XVIII”. **Revista Brasileira de História.** São Paulo, v. 9, n. 17, p. 101-114, set. 1988 / fev. 1989.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. “Esmola”. In: SILVA, Maria Beatriz Nizza da. (Coord.). **Dicionário da História da Colonização Portuguesa no Brasil.** Lisboa: Ed. Verbo, 1994.

VENÂNCIO, Renato Pinto. **Famílias abandonadas:** assistência à criança de camadas populares no Rio de Janeiro e em Salvador – séculos XVIII e XIX. Campinas: Ed. Papirus, 1999. (Coleção Textos do tempo)

